

ESTUDOS

Revista do CADC

Nova Série 3

Tomo I

2004

ESTUDOS

REVISTA DO CENTRO ACADÉMICO DE DEMOCRACIA CRISTÃ

NOVA SÉRIE

REVISTA SEMESTRAL

DIRECTOR

José Carlos Seabra Pereira

(pr@cadc.pt)

ICS | 124 425

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Centro Académico de Democracia Cristã

(CADC)

<http://www.cadc.pt>

NIC | 506 636 690

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Couraça de Lisboa, 30

Apartado 3024

3001-401 Coimbra

CORREIO ELECTRÓNICO | estudos@cadc.pt

TELEFONE | 239 822 483

FAX | 239 841 585

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Gráfica de Coimbra

Julho-Dezembro de 2004

TIRAGEM

1000 exemplares

NÚMERO AVULSO 15 €

ASSINATURA ANUAL (2005) 20 €

ASSINATURA DE ESTUDANTE 10 €

ASSINATURA DE APOIO 30 €

ISSN | 1645-8788

DEPÓSITO LEGAL | 204341/03

Agradecimento à colaboração prestada pela SOPORCEL.

A IMACULADA CONCEIÇÃO NA BANDEIRA DA EUROPA

António Manuel R. Rebelo*

Neste momento, em que a União Europeia celebra mais uma fase histórica da sua existência com a aprovação do Tratado Constitucional europeu, festeja a Igreja Católica os 150 anos da definição do dogma da Imaculada Conceição (padroeira da Europa, de Portugal, da Universidade de Coimbra e do CADUC), proclamado pelo papa Pio IX, em 1854, com a bula *Ineffabilis Deus*.



É assaz curioso, para não dizer providencial, que a bandeira da União Europeia esteja intimamente associada à Imaculada Conceição. Diríamos até que essa natureza providencial assumiu, no presente momento, contornos de uma ironia impertinente e provocadora, se atendermos às circunstâncias e vicissitudes por que se pautou o demorado processo de negociações na consagração das determinações de natureza política, social e económica da Europa, e à supressão dos princípios culturais que impregnaram, ao longo dos séculos, a essência da civilização europeia e se tornaram elementos indelével e irrevogavelmente constitutivos do espírito europeu. Ao riscarem com o lápis da censura do jacobinismo francês as referências a esses princípios basilares dos prolegómenos justificativos, revelaram os responsáveis pelo texto constitucional, com essa atitude, todo um facciosismo ou, utilizando um termo que está muito na moda, um fundamentalismo laicizante, que, desta forma, se deixa caracterizar pela intolerância para com o fenómeno religioso, pela atitude anti-

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

-democrática que não tem em consideração a natureza confessional da *maioria* dos Europeus, e por uma crassa ignorância da História da Europa².

Antes de explicarmos em que consiste essa ironia, não resistimos primeiro a comentar muito brevemente a cerimónia de assinatura do novo tratado constitucional. A cerimónia realizou-se em Roma, centro da Cristandade e capital do império romano, duas matrizes que contribuíram decisivamente para a formação e consolidação da geografia, do espírito e das instituições europeias. Porém, a nova Constituição – embora herdeira dos princípios jurídicos romanos e dos direitos com que o Cristianismo, fiel à verdade evangélica, protegeu a dignidade humana e que posteriormente foram aproveitados, com novas roupagens, por outras correntes de pensamento, que, assim, reclamavam a paternidade de ideais alheios, esta nova Constituição, dizíamos, renegou inexoravelmente esses fundamentos cristãos e greco-romanos.

Dirão que o tratado foi assinado na cidade eterna porque já os seis países fundadores se tinham reunido em 1957 no Capitólio, na mesma Sala dos Horácios e Curiácios, para assinarem os Tratados de Roma, que instituíram a Comunidade Económica Europeia (CEE) e a Comunidade Europeia para a Energia Atómica (Euratom). Mais irónico ainda foi o facto de a mesa, onde se foram sentando os Chefes de Estado e governantes, para rubricarem os textos oficiais, se encontrar sob a estátua de bronze de Inocência X, da autoria de Alessandro Algardi. Afinal a nova Constituição foi assinada sob o olhar complacente (ou reclamante, como parecia sugerir o indicador em riste da sua dextra) de um Papa que, já no seu tempo, fora eleito com a oposição do governo francês, dirigido por Mazarino, sucessor do Cardeal de Richelieu.

Mas regressemos ao tema principal deste trabalho. Se, por um lado, o novo texto constitucional opta por uma adulteração consciente da verdade histórica, omitindo ou marginalizando qualquer referência às raízes cristãs da Europa, por outro lado, não deixa de consagrar implicitamente um dos atributos marianos mais emblemáticos. A ironia, a que aludimos em primeiro lugar, é manifesta quando o texto da nova lei fundamental da Europa define, no Art. 8.º, um dos vários símbolos europeus: “A bandeira europeia é constituída por um círculo de doze estrelas douradas sobre fundo azul”.

² Sem querermos aprofundar esta matéria, remetemos para a mensagem do Papa João Paulo II e para os artigos de D. Manuel Clemente, dos Profs. Doutores Maria Helena da Rocha Pereira e Arnaldo do Espírito Santo, e Cónego João Lavrador, publicados no n.º 2 NS dos *Estudos*. Vejam-se igualmente os textos de Franco Cardini e de Giovanni Reale publicados neste número dos *Estudos* e duas importantes obras recentes sobre esta questão: *Radici culturali e spirituali dell'Europa*, de Giovanni Reale, e *Europa. I suoi fondamenti oggi e domani*, do Cardeal Joseph Ratzinger.

A descrição oficial da simbologia do estandarte europeu afirma o seguinte:

Contra o fundo do céu azul, doze estrelas formam um círculo representando a união dos povos da Europa. O número de estrelas é invariável, sendo doze o símbolo da perfeição e da integridade. O azul representa o mar, o céu e todo o planeta enquanto o ouro é a cor do iluminismo.

Ignoram alguns responsáveis europeus e grande parte dos cidadãos do Velho Continente que a selecção das cores utilizadas, bem como a disposição das estrelas, foram inspiradas pela devoção mariana. É sabido que as doze estrelas provêm do capítulo 12 do Livro do Apocalipse:

Um sinal grandioso apareceu no céu: uma Mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas.

Na iconografia mariana, sobretudo na da Imaculada Conceição, a Virgem Maria é representada com a coroa de doze estrelas.



As cores provêm, como dissemos, do culto mariano. O azul celeste justifica-se porque Maria é a Mãe do Céu. A descrição oficial faz alusão ao mar. Ora, uma das invocações de Maria na Lítania Lauretana é justamente a de *stella maris* (estrela do mar). Lembremos ainda que um dos movimentos marianos mais importantes é o “Exército Azul”. Em muitas das aparições marianas oficialmente reconhecidas, a Imaculada Conceição apresenta-se vestida de branco e de azul. Assim a costumam retratar os artistas nas diversas obras plásticas. O branco representa a pureza virginal de Maria. Curiosamente, o projecto inicial apresentava as estrelas a branco. Portanto, as cores originárias eram o azul e o branco.

Qual é, então, a verdadeira história da bandeira europeia?

Teremos de recuar até 1949, ano em que foi instituído na cidade de Estrasburgo o Conselho da Europa, cujos objectivos principais consistiam na defesa dos direitos humanos, da democracia parlamentar e do primado do direito, na contribuição para a harmonização das práticas sociais e jurídicas dos Estados membros, e no fomento da consciência da identidade europeia. No ano seguinte ao da sua criação, o Conselho da Europa lançou um concurso, aberto a todos os artistas, para a concepção de uma bandeira do CE.

O artista vencedor foi Arsène Heitz, um empregado do serviço postal do Conselho da Europa, mas com grandes talentos artísticos. Todavia, só em 1987, poucos anos antes de falecer, é que este habitante de Estrasburgo revelou com orgulho ao P.^e Pierre Caillon, no Carmelo de Lisieux, ter projectado para bandeira da Europa o estandarte da Virgem Maria: “Foi a mim que pediram para desenhar a bandeira da Europa e eu tive subitamente a ideia de aí colocar as

doze estrelas da Medalha Milagrosa da Rue du Bac, sobre um fundo azul, a cor da Santíssima Virgem”.

Como estava com pressa, o P.^o Caillon nem se lembrou de tomar nota do nome ou da morada do seu interlocutor. Meses mais tarde, quis encontrar o autor do projecto. Foi a Estrasburgo, em Janeiro de 1989, e, após algumas diligências junto do Gabinete de Imprensa do Conselho da Europa, conseguiu encontrá-lo na Rue de l’Yser, n.º 24, onde vivia. Foi assim que o P.^o Caillon soube de como tudo se passara.

O P.^o C. Sauteur, capelão do hospital de Cluny, relata num memorando de



Imagem da Imaculada Conceição na capela do Sagrado Coração de Jesus, na Rue du Bac, em Paris, onde ocorreram as aparições a Santa Catherine Labouré

Agosto de 1995 este encontro entre Arsène Heitz e o P.^o Pierre Caillon, e bem assim as diversas peripécias por que passou o processo de adopção da bandeira do CE a 8 de Dezembro de 1955, no próprio dia da festa da Imaculada Conceição.

Arsène Heitz era, efectivamente, um fervoroso devoto da Virgem Imaculada, representada na Medalha Milagrosa, que ele trazia sempre ao peito, como muitos outros católicos, incluindo Santa Bernadette Soubirous a quem a Imaculada Conceição apareceu, em Lourdes, vestida de azul e branco, em 1858. Além disso, Arsène Heitz rezava diariamente o Rosário na companhia da mulher.

Como é sabido, a Imaculada Conceição apareceu em 1830 na Rue du Bac (Paris) a Santa Catarina Labouré, incumbindo-a de difundir uma medalha com as 12 estrelas do Apocalipse e a jaculatória “Ó Maria concebida sem pecado! Rogai por nós que recorremos a vós!”. Esta medalha conheceu um êxito extraordinário

por todo o mundo.

O processo de selecção da bandeira do CE foi moroso. As discussões, reuniões, comissões e sub-comissões foram numerosíssimas e arrastaram-se ao longo de mais de 5 anos, de 1949 a 1955. Havia ainda 101 projectos, no total, e todos os seus autores (oriundos dos quadrantes religiosos e ideológicos mais diversos: socialistas, maçons, judeus, protestantes...) tinham ideias definidas. O próprio Arsène Heitz trabalhou simultaneamente em cerca de 20 dessa centena de projectos.

O presidente ou supervisor da comissão encarregada de seleccionar a bandeira do Conselho da Europa era Paul M. G. Lévy, um judeu convertido ao Catolicismo, professor de Economia Política na Universidade Católica de Lovaina (na Bélgica) e o primeiro Director dos Serviços de Imprensa e Informação do CE. Embora Lévy desconhecesse o significado que presidiu à ela-

boração do projecto de Heitz, não terá deixado de ser sensível às cores³. É que o Estado de Israel, recentemente constituído, também tinha adoptado um estandarte onde as cores predominantes eram o azul e o branco⁴. Sendo estas também as cores de Maria, a nova Eva, impoluta do pecado original, esta “Filha de Sião” que concebeu no seu intemerato ventre o Messias, a grande esperança do povo de Israel, largamente anunciada pelos profetas, assume particular relevância esta ligação intrínseca entre o Antigo e o Novo Testamento nesta significativa representação das cores. Além disso, a tradição judaico-cristã é novamente vinculada pela interpretação implícita que emana das 12 estrelas e pela simbologia que o número 12 representa nas duas religiões: por um lado, os doze filhos de Jacó e as doze tribos de Israel; por outro lado, os doze apóstolos de Jesus Cristo.



Pormenor da imagem da Imaculada Conceição da Rue du Bac e da coroa de 12 estrelas.

Numa Europa dominada, já na época, pelas pressões da sacra laicidade, havia que ocultar o sentido religioso destes símbolos. Heitz descreveu a bandeira sublinhando que “no azul do céu do Ocidente, as estrelas de ouro representam os povos da Europa e formam um círculo em sinal de união”.

Contrariamente ao que havia sucedido ao longo da História com a bandeira dos Estados Unidos da América, em que cada estrela representava um Estado, o número 12 não correspondia ao número de nações que tinham assento no Conselho da Europa⁵. Os membros da comissão criticaram, por isso, o número de 12 estrelas: porquê 12?

Arsène Heitz, sem revelar a inspiração religiosa do seu projecto, para não suscitar “anticorpos” laicistas, justificou que o número 12 era, na antiga

³ O azul e o branco, pois, como dissemos acima, as estrelas do projecto inicial eram brancas; só posteriormente, numa segunda fase do projecto, foram transformadas em ouro.

⁴ Essa bandeira havia sido hasteada pela primeira vez em 1891, em Boston, na sede da “Bnai Zion Educational Society”: uma estrela de David azul, com a palavra “Macabeus” inscrita no centro, no meio de duas riscas azuis, inspiradas claramente nas riscas do *tallit*, o xaile azul e branco usado pelos judeus nas suas orações. No ano seguinte, a palavra “Macabeus” seria substituída por “Sião” O judeu Ludwig August Frankl já havia defendido, num poema famoso entre a comunidade judaica (“Juda’s Farben” in *Ahnenbilder*, Leipzig, 1864), o azul e o branco como as cores do povo judeu. O azul e o branco simbolizam uma vida de pureza (branco), guiada pelos mandamentos da Torah (azul). Esse mesmo estandarte foi adoptado pela Organização Sionista Mundial na Conferência de Basileia, em 1897. Em 1948, foi oficialmente adoptado como estandarte do jovem Estado de Israel.

⁵ Jamais o Conselho da Europa foi constituído por 12 nações. Começou com 6 países, depois 9, passou logo para 15 e hoje tem 46 membros.

sabedoria, “o símbolo da plenitude”⁶ e acrescentou que não deveria ser alterado mesmo se a totalidade dos seus membros superasse esse número.

Também a Virgem Maria é, para os católicos, o símbolo da perfeição – o mais perfeito e mais puro dos seres criados por Deus, pois a Virgem nem sequer foi maculada, na sua concepção, pelo pecado original – e da plenitude: filha de Deus Pai, esposa do Espírito Santo e mãe de Deus Filho.

Numa das páginas da internet da União Europeia pode ler-se a interpretação oficial:

[a bandeira] é o símbolo não apenas da União Europeia, mas também da união e da identidade da Europa *lato sensu*. O círculo de estrelas de ouro representa a solidariedade e harmonia entre os povos da Europa. O número de estrelas nada tem a ver com o número de estados membros. Há doze estrelas porque o número doze é tradicionalmente o símbolo da perfeição, da plenitude e da unidade. Por isso, a bandeira não sofrerá alterações, apesar dos alargamentos da UE.

Em 1955, e por motivos de calendário que lhe eram alheios, Paul Lévy marcou três dias de reuniões (de 7 a 9 de Dezembro) para adoptar um conjunto de projectos. Mas correu tudo tão bem que a comissão já no dia 8 de Dezembro havia chegado a uma conclusão. O projecto de Arsène Heitz foi seleccionado no dia 8 de Dezembro de 1955. As assinaturas particulares assim o confirmam, embora os documentos oficiais estejam datados de 9 de Dezembro, pois era esse o último dia da reunião e, como se sabe, a documentação é sempre assinada no final.

Ao sair da sala o genro de Paul Claudel puxou Paul Lévy pelo braço e murmurou-lhe: “Mas hoje é o dia da festa da Imaculada Conceição!” Só então Lévy deu conta da coincidência e ambos encontraram, sem querer, o conhecido versículo mariano do Livro das Revelações: “Um sinal grandioso apareceu no céu: uma Mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas”.

Na sua simplicidade, Arsène Heitz lembrara-se das 12 estrelas da Medalha Milagrosa. Paul Lévy associou imediatamente a bandeira ao capítulo 12 do Apocalipse.

Não terá sido mera coincidência que o projecto da bandeira europeia tenha sido aprovado no dia 8 de Dezembro, festa da Imaculada Conceição. Muito menos o será se tivermos em conta que a aprovação ocorreu no dia 8 de

⁶ Na tradição judaico-cristã, o número da perfeição divina é o 7. Todavia, na cabala bíblica, o número 12 resulta do produto dos constituintes do 7: $7 = 3 + 4$ e $3 \times 4 = 12$. Por outro lado, $12 \times 12.000 = 144.000$, o símbolo, no Livro do Apocalipse, do número completo de pessoas que entrarão no Reino celeste, a conjugação dos 12 patriarcas do Antigo Testamento com os 12 apóstolos do Novo Testamento. Além disso, o número 12 está presente na divisão do tempo (12 horas diurnas e 12 horas nocturnas, 12 meses do ano, 12 signos do zodíaco).

Dezembro de 1955, como que a encerrar o ano centenário da proclamação do Dogma da Imaculada Conceição pelo papa Pio IX, a 8 de Dezembro de 1854⁷.

Foi, pois, esta a bandeira que Paul Lévy apresentou a Léon Marchal, Secretário-Geral do Conselho da Europa, e outro grande devoto da Virgem Maria. Léon Marchal não teve dúvidas em afirmar que as estrelas eram as da “mulher” do Apocalipse de São João: “É maravilhoso”, terá ele dito, “como regressámos ao intróito da missa nova da festa da Assunção. É a *corona stellarum duodecim* (coroa de doze estrelas) da mulher do Apocalipse”.

Na belíssima catedral de Estrasburgo, há um vitral que integra este simbolismo. Há quem diga que essa obra de arte foi inaugurada a 11 de Dezembro de 1955. Não nos foi possível confirmar essa data. Parece-nos, todavia, que, se o vitral foi concebido e executado à imagem do projecto de Arsène Heitz, seria difícil realizá-lo e inaugurá-lo em 3 dias, sobretudo tendo em conta que a nova bandeira só foi apresentada publicamente no dia 13 de Dezembro, no castelo da Muette, em Paris. Se o vitral é de concepção anterior ao da selecção do projecto de Arsène Heitz pelo Conselho da Europa, ou é uma espantosa coincidência ou terá havido aí interferência do próprio Heitz. Todavia, recordamos que infelizmente não nos foi possível confirmar a datação do vitral. É bem provável que seja de data posterior a 11 de Dezembro de 1955.



Vitral da Virgem Maria na Catedral de Estrasburgo. Ao cimo, assinalada pelo círculo, pode ver-se a coroa de doze estrelas sobre um fundo azul.

Na página 6 do número 79 da «Strasbourg Magazine», num artigo assinado por Jacques Granier pode ler-se o seguinte: “*só a 21 de Outubro de 1956 é que foi desfraldada pela primeira vez num edifício público: no pináculo da nossa catedral, como é evidente*”.

A coroa mariana de 12 estrelas na bandeira da Europa tem ainda outro significado. No dia 12 de Setembro de 1958, o arcebispo de Milão, Giovanni Battista Montini, o futuro Papa Paulo VI, inaugurou sobre o monte Sereníssima uma imagem da Virgem Maria com 20 metros de altura sob a invocação de: “Nossa Senhora, Rainha da Europa”.

Efectivamente, a Europa foi consagrada a Maria em 1309, data a partir da qual Nossa Senhora passou a ser padroeira da Europa. O santuário de “Nossa Senhora da Europa” em Gibraltar testemunha essa consagração.

⁷ O ano centenário teve início a 8 de Dezembro de 1954 e terminou a 8 de Dezembro de 1955.

A história começa com a invasão de Gibraltar pelos Mouros em 711. Os Sarracenos alteraram imediatamente o nome do rochedo de “Calpe” (*Mons Calpe*, uma das Colunas de Hércules) para “Gueb-el-Tarik” (Montanha de Tarik, o chefe mouro Tarik Ibn Zayib) e construíram a primeira mesquita em solo europeu. Seis séculos mais tarde, a 19 de Setembro de 1309, Gibraltar foi reconquistada por Fernando IV, Rei de Castela e de Leão. Em agradecimento a Deus pela vitória, consagrou todo o Continente Europeu à Mãe celeste sob a invocação de Nossa Senhora da Europa. Seguidamente transformou a mesquita num santuário mariano. Cerca de um quarto de século mais tarde, em 1333, reconquistaram os Mouros Gibraltar e converteram a igreja novamente numa mesquita. Só a 20 de Agosto de 1462, dia de São Bernardo, é que alguns súbditos de Henrique IV, neto de Fernando IV, liderados pelo cavaleiro D. Alonso de Arcos, Alcaide de Tarifa, lograram recuperar definitivamente o Rochedo. Renovaram a devoção a Nossa Senhora da Europa e restauraram o santuário. Como a estátua da Virgem Maria tinha desaparecido, Henrique IV mandou fazer uma nova que ainda hoje aí é venerada pelos peregrinos. Trata-se de uma imagem



Imagem de Nossa Senhora da Europa, em Gibraltar

pequena em madeira policromada representando a Virgem e o Menino, ambos coroados. A Virgem segura na mão direita um ceptro com três flores que representam o Amor, a Verdade e a Justiça.

O santuário foi muito visitado. Os marinheiros que passavam ao largo de Gibraltar saudavam constantemente Nossa Senhora da Europa. Alguns atracavam para fazerem as oferendas da sua devoção.

Em 1995, o santuário foi sujeito a profundas obras de remodelação e de restauro, parcialmente financiadas pela Comissão Europeia. Em 1997, por ocasião da nova sacração do santuário, o Papa João Paulo II enviou uma mensagem dizendo que “este santuário ajudará a Europa a lembrar-se da herança cristã e a encorajar os peregrinos a colocarem o futuro da Europa sobre este sólido fundamento”.

Regressemos, porém, à história do estandarte europeu.

O processo de adopção da bandeira do Conselho da Europa pela União Europeia é conhecido. Em 1979, logo após as primeiras eleições para o Parlamento Europeu, foi apresentada neste areópago uma iniciativa para adopção de uma bandeira pela Comunidade Económica Europeia.

Em Abril de 1983, o Parlamento Europeu decretou que a bandeira seria a mesma que havia sido adoptada pelo Conselho da Europa em 1955. O Conselho europeu reunido em Fontainebleau no Verão de 1984 sublinhou a importância

da promoção da imagem e da identidade europeias junto dos seus cidadãos e no mundo. Em Milão, a 28 e 29 de Junho de 1985, aprovou a proposta da “Comissão Adonnino” no sentido de a Comunidade escolher um estandarte. O Conselho da Europa autorizou que a sua bandeira fosse adoptada pela CEE. No início de 1986, a comissão determinou que a bandeira do CE e o hino oficial (o Hino da Alegria da 9ª sinfonia de Beethoven) começassem a ser utilizados pela CEE a partir do dia 9 de Maio (aniversário da Comunidade), coincidindo esse evento com a criação da “Europa dos Doze”, após a entrada de Portugal e da Espanha na CEE.

A conjugação destes dois factos, aliada à coincidência de a nova Europa também ter 12 Estados, levou a que muitas pessoas pensassem que as 12 estrelas da bandeira europeia, a exemplo da *Stars and Stripes* americana, representavam cada um dos 12 Estados da CEE. Só quase 10 anos depois, aquando da adesão da Áustria, Finlândia e Suécia, em 1995, é que muitas pessoas perderam essa ilusão: afinal a bandeira da “Europa dos Quinze” não passou a ter 15 estrelas. Mas isso não impediu que a BBC apresentasse nos seus noticiários, durante algum tempo, um grafismo da nova bandeira com 15 estrelas, nem que alguns fabricantes de dísticos automóveis identificadores de veículos pertencentes à União Europeia avançassem para um design de 15 estrelas⁸.

Mas o número 12 é sagrado, é o símbolo da perfeição. Não podia ser alterado. O estandarte europeu estava destinado a preservar a forma de uma coroa de 12 estrelas.

Se a bandeira foi adoptada no centenário da proclamação do Dogma da Imaculada, a Constituição europeia foi assinada no 150º aniversário desse grande acontecimento. A Divina Providência costuma escrever direito por linhas tortas.

Não será pelo facto de a referência explícita às raízes cristãs no texto constitucional ter sido censurada que a Imaculada Conceição deixará de proteger a Europa, ela que é e continuará a ser Rainha deste velho continente, como não cessa de nos lembrar constantemente o estandarte mariano da União Europeia.

⁸ Outros erros idênticos foram cometidos na filatelia, numismática, artes gráficas, etc.